

FINANÇAS PESSOAIS:UM ESTUDO DOS SEUS PRINCÍPIOS BÁSICOS COM ALUNOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Autores	Filiação	Email
Bruno V. Ramos Fernandes	UnB	brunoramos@unb.br
Danilo Lima Monteiro	UnB	danilox.lm@gmail.com
Wagner Rodrigues dos Santos	UnB	wrsantos@unb.br

Direitos de cópia - creative commons.

Recebido em: 29/03/2012

Aprovado em: 03/05/2012

Disponibilização no site 06/12/2012

Páginas: 09-27

ID do artigo 1415

Editor Científico: Prof. Dr. Osni Hoss, Ph.D.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo testar o conhecimento dos alunos da Universidade de Brasília em finanças. Em especial dos cursos de administração, contabilidade e economia, por ser um grupo com maior quantidade de matérias curriculares sobre finanças, onde o conhecimento sobre teorias financeiras foram aprendidas e poderão ser aplicadas em suas futuras profissões. Esse grupo de alunos foi testado em quatro blocos de conhecimentos: Compreensão e Atitudes em Relação Risco / Retorno; Conhecimento e Experiências no Mercado Financeiro; Conhecimento das Taxas de Juros; Habilidade com Matemática Básica. Cada bloco foi considerado separadamente para análise e foram levados em consideração alguns fatores que influenciaram no padrão de resposta, como a idade, o gênero, o curso, o semestre, se trabalha ou não, a área, o tipo de investidor e uma auto-análise do conhecimento em finanças. Sendo possível atribuir uma maior taxa de acerto aos formandos. Uma maior segurança dos homens em marcar uma alternativa, apesar de errar mais, enquanto as mulheres inseguras de opinar assinalavam não saber a resposta. Nas questões teóricas, a taxa de acerto foi maior, enquanto nas questões que exigiam uma maior compreensão do mercado financeiro ou de uma base teórica mais sólida, o resultado foi ruim. A autoconfiança excessiva foi amplamente observada nos questionários, e o desinteresse feminino em finanças também pôde ser identificado.

Palavras-chave: Finanças, Pessoais, Qualidade, Universitários.

PERSONAL FINANCE: A STUDY OF ITS BASIC PRINCIPLES WITH STUDENTS AT THE UNIVERSITY OF BRASÍLIA

ABSTRACT

The focus of this paper is test the financial knowledge in students at the University of

Brasília. In particular the courses in business administration, accounting and economics, because as a group in society with the greatest amount of curricular materials on finance, where the knowledge of financial theories have been learned and can be applied to future careers. This group of students was tested in four blocks of knowledge: Risk Diversification and Attitudes Toward Investing and Risk; Knowledge and experience in financial markets; Knowledge of fees; Numeracy. Each block was considered separately for analysis and some factors influenced the answer pattern such as age, gender, course, semester, if it have a job or not, the area of job, the type of investor and a self-analysis of knowledge in finance. Is possible attribute a higher rate of success to students who are finishing college and not to freshmen. The man are more security to mark an alternative although misses more, and the women uncertain to mark something chose the option "don't know" the answer. In theoretical questions the success rate was higher, while in questions that require further understanding of the financial marketers more solid theoretical basis, the result was bad. The over confidence was widely observed in the questionnaires, and the women disinterest in finances could also be identified.

Keywords: Personal Finance, Sophistication, University.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa avalia o conhecimento individual dos alunos em finanças pela preocupação desse reflexo na macroeconomia. Ou seja, o comportamento consumista da sociedade é bem visto no aspecto amplo da economia, mas na mesma visão esse padrão de compras não deve ser exagerado, por que, não são saudáveis os grandes endividamentos para manter níveis de consumo acima da renda familiar. É a incapacidade de pagar as dívidas e um calote generalizado, pode levar a descrença do mercado.

O déficit de conhecimento em finanças no Brasil tem assumido grandes proporções. Visto as altas taxas de inadimplência e o costume brasileiro de não poupar. E esse cenário preocupante levou o governo brasileiro a tomar algumas medidas nos últimos meses, entre elas: o decreto 7.397/2010 que institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF); o aumento do pagamento mínimo do cartão de crédito.

Com essa preocupação, o artigo tem como objetivo avaliar a qualidade do conhecimento em finanças pessoais, tendo como amostra alunos da Universidade de Brasília. O público alvo da pesquisa foram alunos de graduação que possuem matérias em finanças, que são: administração, contabilidade e economia. A análise teve foco na evolução do conhecimento do aluno dentro da universidade, por isso foi pesquisado apenas alunos dos primeiros semestres e formandos. Também foram postas em teste algumas dependências no padrão de respostas e vieses comportamentais.

Ou seja, o foco das finanças pessoais é a maximização da riqueza do indivíduo, perpassando pelas decisões de financiamento, investimento, consumo, poupanças e avaliação do risco e do retorno que estejam alinhados com os objetivos individuais. É para conseguir bons resultados é necessária a noção dos instrumentos financeiros e do funcionamento dos mercados, pois na ausência desse conhecimento o aparecimento de vieses nas decisões se torna inerente aos investidores incultos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Na medida em que os mercados financeiros se tornam cada vez mais sofisticados e as famílias assumem mais da responsabilidade e do risco de decisões financeiras, especialmente no domínio da poupança de aposentadoria. Os indivíduos educados financeiramente são necessários para garantir níveis suficientes de proteção dos investidores e dos consumidores, bem como o bom funcionamento, não só dos mercados financeiros, mas também da economia⁽¹⁾ (Organization for Economic Co-Operation and Development - OCDE, 2005).

Conforme Saito (2007) o êxito em finanças pessoais não está em acumular recursos financeiros, e sim na habilidade em planejar a disponibilidade deles, para a realização de projetos familiares. Rojo (2011) complementa o êxito em finanças com o entendimento dos vieses comportamentais, que mesmo com o conhecimento de técnicas de análises, “as decisões sofrem muita influência do comportamento no momento da tomada de decisão”. (ROJO, 2011, p.16).

Pesquisas sobre educação financeira demonstram que os consumidores possuem baixos níveis de conhecimento em finanças, e a falta de consciência da necessidade de ser educado financeiramente. (OCDE, 2005).

2.1 Finanças pessoais

A OCDE (2005) demonstra a importância da educação financeira para o equilíbrio do orçamento familiar. E tem definido alguns princípios para nortear o ensino de finanças. Que buscam atingir o equilíbrio financeiro dentro das famílias, ensinando sobre produtos financeiros (conceitos e riscos), planejamento da aposentadoria e como manter o equilíbrio financeiro.

Alguns livros (FRANKEL 2006; HALFELD 2006) apresentam regras e métodos a serem seguidos para obter uma vida financeira saudável, dentre eles:

Não gastar mais do que você ganha. Tendo um controle das despesas e das receitas.

Constituir reservas de alta liquidez para possíveis despesas inesperadas é outro fator necessário para uma maior tranquilidade financeira. Halfeld (2006) presume uma reserva igual a seis vezes a sua renda, seria o suficiente para cobrir algumas surpresas. Algumas literaturas explicam que seis meses é o ideal por considerar possível sobreviver durante metade de um ano sem nenhuma entrada de dinheiro em caixa, prevendo uma tempestade que não dure mais de seis meses.

Planejar a aposentadoria tem sido um assunto cada vez mais freqüente para os brasileiros, uma vez que os aposentados pelo INSS não conseguem mais obter uma vida tranqüila sem uma aposentadoria complementar. A necessidade não é mais saber como estou agora e sim como vai ser o meu futuro, planejar a forma de viver a velhice vai ser moldada pelo estilo de vida financeira atual.

Não ser escravo do dinheiro, colocar ele para trabalhar para você, ou utilizara “mágica” dos juros compostos a seu favor, como comenta Halfeld (2006), é a estratégia ideal para colocar o dinheiro trabalhando para você. Onde a opção de financiamentos de longos prazos com altas taxas de juros devem ser extintas de suas opções de compra.

Conviver com os riscos é ter habilidade de administrar o risco, diversificando o investimento. Possuir uma carteira com vários tipos de investimentos, de rentabilidades e de risco é fundamental para reduzir o risco de perder grandes quantidades de dinheiro. Saber operacionalizar é fundamental, mas lidar

emocionalmente com as mais diversas situações é um grande desafio para qualquer pessoa. Conseguir identificar alguns vícios ao administrar o dinheiro pode ser difícil, mas alguns erros são mais previsíveis e freqüentes do que se pode imaginar.

2.2 Finanças comportamentais

Homo economicus ou *oeconomicus* é a maneira como os economistas clássicos visualizam o ser humano, sendo capaz de tomar a melhor das decisões, tendo um maior lucro com o menor esforço possível. “Onde todas as decisões são tomadas pela razão e não pela fé, pela filosofia e não pela teologia”. (O’BOYLE, 2008, p. 2, tradução nossa).

O’Boyle (2008), ao ganhar o prêmio Nobel, declara que a economia tradicional é muito limitada e que nem tudo está de acordo como *homo economicus* ou com a hipótese do mercado eficiente.

Ariely (2008) demonstra, em seus experimentos, como os erros dos homens são sistemáticos e o tanto que é possível entender a irracionalidade. Sendo possível prever alguns decisões irracionais, movidas pela emoção. Fox (2009) comenta que a expansão do estudo comportamental se deve ao fato das pessoas “comuns” estarem operantes com maior frequência no mercado financeiro, sendo que na década de 70 a maioria das pessoas delegava essa função de gerenciamento financeiro aos profissionais da área, e pouco seria útil visualizar esses vícios.

AUTOCONFIANÇA EXCESSIVA E AUTO-ATRIBUIÇÃO

“O Excesso de confiança refere-se a situações em queo decisor assume, ainda que de forma não ocnsciente, ser excessivamente capaz para tomar decisões, simplificando assim seu processo decisório. A utilização sistemática dessa heurística pode levar o decisor a optar por uma alternativa que não seja a melhor, me termos de utilidade esperada, uma vez que ele deixa de utilizar “Toda a informação disponível, confia em sua intuição e em crenças pessoais”(MOSCA, 2009, p. 64).” (TORRALVO, 2010, p. 34)

“Em outras palavras, Baserman (2004) defende que os decisores tendem a confiar de forma demasiada na própria capacidade para tomar decisões, acreditando serem capaz de fazer escolhas melhores que a média.” (TORRALVO, 2010, p. 34)

“Autoconfiança e otimismo excessivos estariam associados aos mecanismos de defesa do ego, que tentam manter a harmonia entre crenças e atitudes: os erros normalmente são atribuídos a fatores não controláveis (má sorte, interferência dos outros), enquanto o sucesso resultaria da habilidade do investidor” (ALDRIGHI e MILANEZ, 2005, p 60). Esse trecho expressa como as pessoas tendem a se comportar frente a diversas situações. Com o intuito de viver em uma “ilusão positiva”, acreditam que mais da metade de suas experiências foram positivas, que seus sucessos foram providos da sua capacidade de superar as dificuldades, que suas “altas” habilidades foram suficientes e necessárias para serem vencedores e de sua crença em um futuro sempre próspero e positivo. Quando o sonhado cenário positivo falha, a delegação da culpa nunca está ligada a ela, mas sempre a fatores externos (alta dos juros, quebra da bolsa, chuva) que estavam longe do seu alcance.

Segundo Barros, Silveira, Silveira (2006), o excesso de confiança é encontrado na maioria das vezes em perguntas difíceis ou medianas. Nas perguntas fáceis a autoconfiança excessiva é dificilmente identificada.

3 METODOLOGIA

Neste tópico será descrito como foi feita a seleção da amostra e de como os dados foram tratados e avaliados. Utilizou-se para teste estatístico o Qui-quadrado, que faz uma análise da associação entre variáveis e será apresentado mais adequadamente a seguir.

3.1 Seleção e descrição da amostra

A pesquisa foi realizada com a aplicação de questionários na Universidade de Brasília (UnB), tendo como foco os alunos de administração, contabilidade e economia que estavam no início ou no fim do curso.

Os questionários aplicados foram baseados na pesquisa de Lusardi, Mitchell e Curto (2009), que avalia a sofisticação financeira dos idosos no EUA. Dois tipos de questionários foram elaborados, onde o tipo “A” apresenta as mesmas perguntas que o “B” de forma inversa. Essa estratégia apresenta sua importância por permitir uma melhor avaliação da extensão dos erros de medição nas respostas, principalmente quando se trata de pesquisas relacionadas a finanças.

Foram elaboradas doze perguntas com três alternativas de resposta (verdadeiro, falso e não sei). Também foram coletadas informações demográficas no questionário, como:

A idade, que pode influenciar no padrão de resposta devido a uma possível maior carga de conhecimento dos mais velhos;

O gênero;

Se trabalha e a área que trabalha, pois se o aluno trabalha com finanças provavelmente irá ter uma maior taxa de acertos;

Que tipo de investidor o aluno se considera (podendo optar por conservador, moderado e arrojado);

Auto-avaliação sobre o conhecimento em finanças (ótimo, bom, ruim, péssimo), possibilitando observar algum viés comportamental.

O total de 358 questionários foi tabulado utilizando o SPSS 19 (*Statistical Package for the Social Sciences*) para o teste de associação entre as variáveis, utilizando o teste qui-quadrado de Pearson (Teste χ^2). Os dados demográficos foram cruzados com cada questão, a fim de identificar possíveis dependências estatísticas no padrão de resposta.

3.2 Teste qui-quadrado

O Teste χ^2 mede a discrepância entre as frequências observadas (o_j) e esperadas (e_j), e é medido da seguinte forma:

$$\sum_j \frac{(o_j - e_j)^2}{e_j} \quad (1)$$

As frequências esperadas são calculadas com base em uma hipótese H_0 . Se, sob essa hipótese, o valor de χ^2 , calculado por meio de (1), for maior do que alguns valores críticos (tais como $\chi^2_{0,95}$ ou $\chi^2_{0,99}$, que são os valores críticos para os níveis de significância 0,05 e 0,01, respectivamente), concluir-se-á que as frequências observadas diferem de modo significativo, das esperadas e rejeitar-se-á H_0 ao nível de significância correspondente. No caso contrário, deve-ser-á aceitá-la ou, pelo menos, não rejeitar. Esse processo é denominado teste de qui-quadrado da hipótese ou

significância.(SCHAUM e SPIEGEL 2006, p. 304).

O nível de significância escolhido para a análise dos resultados foi de 0,10, então haverá significância(dependência) nos testes com *p-value* menores ou igual a 0,10. E Obtendo um valor menor que 0,10, H_0 será rejeitado e H_1 será aceita.

H_0 : Não há associação entre as variáveis.

H_1 : Há associação entre as variáveis.

O teste de significância (*p*) chama a atenção para algumas restrições que podem inviabilizar o teste, como:

Não mais do que 25% das células podem ter frequências esperadas menores do que 5.

Nenhuma célula pode ser zero.

Cada pessoa deve ser computada uma única vez.

Ocorrendo essas restrições o SPSS automaticamente irá apontar tais problemas, que não inviabiliza a pesquisa, pois é possível agrupar os dados de forma a satisfazer as restrições. E esse procedimento foi utilizado nas variáveis de conhecimento em finanças.

Dancey e Reidy (2007, p. 291) explicam o motivo das restrições:

Isso ocorre em razão de estarmos assumindo que as nossas amostras são provenientes de populações normais. Se o valor esperado de uma célula é muito pequeno, é pouco provável que estejamos retirando amostras de populações normais. A nossa estatística não será confiável a menos que essas hipóteses estejam satisfeitas.

A análise dos resultados priorizará os casos de rejeição de H_0 , quando ocorre dependência estatística entre o padrão de respostas e um dado demográfico. O teste será realizado com cada questão e com cada item demográfico, sendo a associação feita de forma independente entre uma questão e um dado demográfico.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os questionários ponderam as habilidades que os alunos possuem sobre o mercado de ações, sobre o mercado financeiro, o entendimento de risco e a capacidade de poupar. Para melhor análise dos dados, as questões foram divididas em três grupos:

- a) compreensão e atitudes em relação risco / retorno;
- b) conhecimento e experiências no mercado financeiro;
- c) conhecimento das taxas de juros e habilidade com matemática básica.

Em cada grupo houve a análise separada por questão e no final do tópico foi feita uma conclusão. As análises das questões foram feitas separadamente pelo tipo de questionário (A ou B), verificando quais variáveis demográficas influenciaram no padrão de respostas.

4.1 Perfil dos alunos

Os 358 questionários válidos obtiveram a seguinte distribuição entre os cursos: 82 alunos eram calouros e 58 formandos de administração; 57 calouros e 64 formandos de contábeis; e 56 calouros e 41 formandos de economia. O tipo de curso não influenciou no padrão de resposta, enquanto o semestre teve significância estatística em 33% dos questionários.

A idade dos pesquisados teve a distribuição concentrada nos alunos com 22 anos ou menos (78%). Enquanto os maiores de 23 anos representam 22% dos alunos. Esse item demográfico teve 13% de *p-value* significativa entre todos os questionários, o que torna pouco provável afirmar, nesse caso, que a idade é fator de mensuração da qualidade do conhecimento em finanças. E isso se deve a alta concentração do público jovem na universidade.

O gênero dos alunos pesquisados obteve 61% de homens e 39% de mulheres. E obteve 29% de questionários com *p-value* significativa.

Outro fator nessa pesquisa foi identificar os alunos que trabalham, e conseqüentemente saber se trabalham com finanças ou não. Na tabela 1 foram simplificados os resultados por curso.

Tabela 1: Perfil dos alunos – Trabalha ou não Trabalha

Curso	Trabalha		Não Trabalha		TOTAL	
Administração	60	44%	76	56%	136	100%
Contábeis	72	60%	48	40%	120	100%
Economia	22	24%	71	76%	93	100%
TOTAL	154	44%	195	56%	349	100%

É notável que o curso com mais alunos trabalhando é o curso de contábeis com 60% dos estudantes, seguido de administração com 44%, e por último o curso de economia com 24%. Resultado que pode ser explicado pelo curso de economia ser apenas diurno, o que dificulta a procura de emprego. Desses 154 que trabalham, 142 responderam a área atuante, sendo que 60% dos que responderam não trabalham na área financeira. Devido à baixa quantidade de dados, dos que trabalham na área financeira, todos os testes realizados foram insignificantes, por cair na primeira restrição. E no fato do aluno trabalhar ou não foi pouco significativo, tendo uma dependência em apenas 8% de todos os questionários.

O próximo dado demográfico foi uma auto-avaliação dos alunos quanto ao tipo de investidor. Classificando-se 61% como moderado, 33% conservador e 6% arrojado. Poucos alunos assinalaram ser arrojado, o que resultou na segunda restrição, e inviabilizou a análise para esse dado demográfico.

Por fim, foi perguntado o nível de conhecimento em finanças. A metade considerou ter um bom conhecimento, 43% como “ruim”, 4% como péssimo e 3% de ótimos. Como os níveis mais extremos foram pouco escolhidos, foi necessário agrupar a categoria “péssimo” com “ruim” e o “ótimo” com “bom”, ficando apenas dois níveis de conhecimento em finanças: Satisfatório e Insatisfatório. Desta forma não foram apresentadas mais restrições que inviabilizassem o teste estatístico com esse dado demográfico. E entre todos os questionários aplicados foi obtido em 46% deles uma dependência estatística.

A análise dará maior importância para os dados demográficos com maior quantidade de questões com *p-value* significantes, como o semestre, o gênero e o conhecimento em finanças.

4.2 Compreensão e atitudes em relação risco / retorno

Neste tópico será feita separadamente a análise das questões referentes à compreensão do risco/retorno e as questões sobre as atitudes em relação risco/retorno. Inicialmente será feita uma análise individual para depois obter uma

conclusão sobre todo o tópico.

4.2.1 Compreensão em relação risco / retorno

A primeira questão expressa de forma empírica algumas maneiras de suavizar o risco em operações financeiras. Nela o aluno tinha que optar entre investir em poucas ações, em fundos de investimentos ou em lote de ações. Nesse caso a resposta esperada era da redução do risco, preferindo investir em fundos de investimentos ou em lotes de ações ao invés de adquirir poucas ações. O padrão nas respostas teve influência do gênero e da idade.

Começando a análise pela idade dos alunos, foi observada uma dependência estatística apenas no questionário “A”. Partindo da igualdade de erro (13,1% dos menores de 22 e 12,8% nos maiores de 23) do questionário “A”, a diferença é encontrada na taxa de acerto e na quantidade de abstenções. Nesta questão, os alunos com 23 anos ou mais foram os mais inseguros ao responderem, enquanto os alunos com 22 anos ou menos obtiveram uma taxa de acerto maior. Demonstrando uma maior maturidade dos mais novos quando o assunto é finanças.

O gráfico 1 ilustra o padrão de resposta na questão levando em consideração o gênero dos alunos. O *p-value* foi significativo apenas no questionário “B”, que apresenta uma maior taxa de acerto dos homens em relação às mulheres, e uma maior taxa de erro, isso reflete o maior despojamento dos homens em correr riscos. E as mulheres obtiveram uma maior taxa de “não sei” em relação aos homens, esse fato se deve a maior insegurança do público feminino.

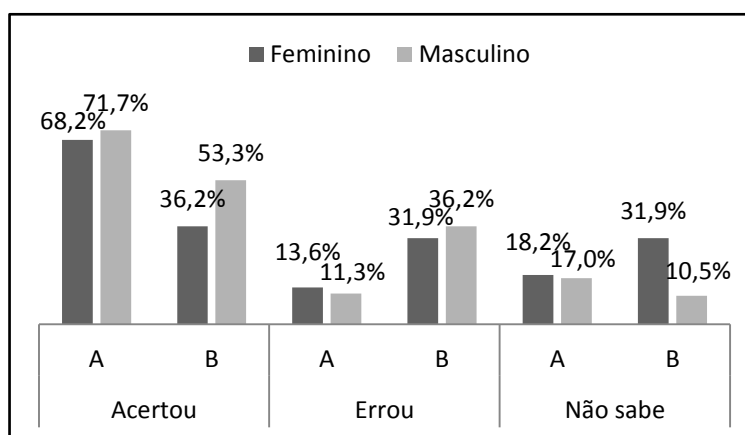


Gráfico 1 Padrão de Resposta– Análise por Gênero

Próxima questão: Quando um investimento é diversificado entre 20 ações em vez de 2 ações, o risco de perder muito dinheiro [diminui/aumenta]. O questionário “A” tem a palavra “diminui”, enquanto o “B” possui “aumenta”. Essa era a diferença entre os dois tipos de questionários, que obtiveram um nível de acerto, variando de 76,5% no questionário “A” e 83,1% no “B”. Um nível de abstenção de 12,3% e 10,1% e uma margem de erro em “A” de 11,2% e em “B” de 6,7%. Analisando os questionários separadamente e levando em consideração os dados demográficos, foram percebidas algumas dependências quanto ao conhecimento, ao semestre e ao gênero no padrão das respostas.

Iniciando a análise individual pelo conhecimento dos alunos sobre finanças, lembrando que apenas o questionário “B” obteve *p-value* significativo, foi obtido uma taxa de acerto de 90% no questionário “B”, um erro de 3,3% e 6,7% dos alunos com

conhecimento satisfatório em finanças não sabiam responder. Por outro lado, os de conhecimento insatisfatório em finanças também apresentaram taxa de acerto de 74,4%, 11% de erro e 13,9% não sabiam a resposta. Nesse tipo de questão, onde é exposto um exemplo fácil e claro sobre a diversificação para a redução do risco, os resultados foram muito parecidos entre os dois grupos, porém em questões de maior complexibilidade essa semelhança tende a desaparecer.

Tomando para análise o gênero da questão que obteve significância estatística apenas no questionário “A”. Com 68% de acerto das mulheres, 20% de erro e 12% não sabiam; os homens obtiveram 82% de acerto, 7% de erro e 11% não sabiam a resposta. Diferente da questão anterior as mulheres arriscaram mais a dar um palpite e conseguiram maiores taxas de acerto. Porém quando a comparação é feita entre gêneros a qualidade do padrão masculino ainda é melhor que o público feminino.

O semestre também influenciou no padrão de resposta nos dois questionários, com *p-value* significativo apenas em “B”. Ou seja, o conceito de diversificação já está introduzido nos novos universitários e esse conhecimento é apenas aperfeiçoado e reafirmado. O que gerou um aumento na taxa de acerto de 75% para 92%.

Questão: *Quanto mais você diversificar na compra de ações, [mais você pode/menos você deve] investir em ações.* A resposta esperada era de obter um baixo risco com a diversificação na compra de ações, ou seja, é mais plausível gastar mais na compra de ações quando o investimento for bem diversificado. Das três questões do tópico essa obteve a maior quantidade de abstenções, por ser mais generalista e complexa.

O resultado obtido com essa questão demonstra a importância de ter dois tipos de questionários, pois um baixo ou alto rendimento no padrão de resposta poderia ser apurado de forma equivocada, já que no questionário “A” 48,3% dos alunos acertaram, enquanto no “B” foram 72,2%. Em contra partida, 31% errou em “A” e 8% errou em “B”. Essa diferença de acerto não pode ser atribuída à diferença entre a troca das palavras “mais” e “menos”, visto que a questão oito também possui esse tipo de trocadilho e nem por isso obteve uma variação tão grande. Entretanto, quando a palavra deixa de ser conjugada no presente e passa a ser conjugada no imperativo, o padrão de resposta é alterado.

Levando em consideração as respostas em cada tipo de questionário, foi ressaltado que o conhecimento em finanças assinalado pelo aluno obteve associação com o padrão de resposta, assim como os alunos que trabalham e os que não trabalham.

Levando em consideração o conhecimento em finanças, que obteve significância estatística em ambos os questionários. A porcentagem de alunos que não souberam opinar manteve-se constante em ambos os questionários, apesar de a quantidade dos de conhecimento insatisfatório (28,2% e 28,4%) ser maior aos de conhecimento satisfatório (14,1% e 11,2%). Apesar dos alunos de conhecimento satisfatório serem mais ousados, a taxa de erro foi maior (39,1% e 10,1%) que o outro grupo de alunos (21,8% e 6,2) nos dois tipos de questionários.

O resultado obtido nesta questão, levando em consideração a situação dos alunos no mercado de trabalho, apresenta diferentes resultados dependendo do questionário. Mas como apenas o questionário “B” obteve um *p-value* significativo, será dada maior atenção a ele.

No questionário “B” os trabalhadores apresentam um resultado superior aos que não trabalham, pois apresentam 84,8% de acerto, 2,5% de erro e 12,7% de

abstenção. Em comparação a 60,9% de acerto, 13% de erro e 26% abstenção dos alunos desempregados.

As três questões sobre compreensão são semelhantes, sendo o único diferencial o objeto posto em análise. Todas afirmam que diversificar reduz o risco, mas na questão três é feita uma comparação com ações, com grupo de ações e fundos de investimentos; na questão oito a comparação é entre quantidades fixas de ações; e na questão dez, a quantidade de ações não é determinada e nem há comparação com outros tipos de investimentos. A porcentagem de acerto obteve uma variância entre as questões, porém em todas elas a taxa de acerto foi superior a 50%. Simbolizando o conhecimento da diversificação para reduzir risco e que as variáveis de confusão foram os diferentes instrumentos financeiros utilizados em cada questão.

4.2.2 Atitudes em relação ao risco e retorno

Nesse tópico será feita a análise das questões referentes às atitudes em relação risco/retorno.

A primeira questão dos questionários era a mesma (*Você deve colocar todo o seu dinheiro no investimento mais seguro que você encontrar e aceitar qualquer que seja o retorno*). Os resultados não foram estatisticamente significantes, pois 94% dos alunos marcaram falso, 3% verdadeiro e 3% não sabiam. Esse resultado demonstra que os alunos conhecem a existência de vários tipos de opções financeiras e que é possível escolher qual será o risco a correr e o retorno a receber.

Próxima pergunta: Se você tem que vender uma de suas ações, você deve vender uma que tenha [aumentado/reduzido] o preço ao invés de uma que [reduziu/aumentou]. Essa questão analisa o comportamento dos alunos quando ocorre uma desvalorização dos seus investimentos, identificar se eles conseguem manter a sua estratégia inicial de investimento mesmo com a queda da bolsa de valores. No questionário “B” 74,2% das pessoas marcaram a resposta esperada e no “A” 60,1%; evidenciando o conhecimento dos alunos quanto à teoria ou que pensam como Elder (2006, p. 176): “Tente saltar, enquanto você ainda estiver em cima do potro, ou seja, com dinheiro.”

Agrupando as respostas da pergunta por gênero, foi possível observar uma dependência no questionário “B”, enquanto o questionário “A” é independente do gênero. E o conhecimento em finanças também obteve significância apenas no questionário “B”, enquanto os demais fatores demográficos não apresentaram significância estatística.

Os resultados percentuais podem ser observados no gráfico 2, que mostra semelhança entre homens e mulheres no questionário “A”. Porém, no questionário “B” as mulheres obtiveram um resultado inferior aos homens. O resultado delas não foi pior em “A”, pois houve um pequeno crescimento em “B”, enquanto a taxa de acerto masculina evoluiu quase 20 pontos de um questionário para o outro.

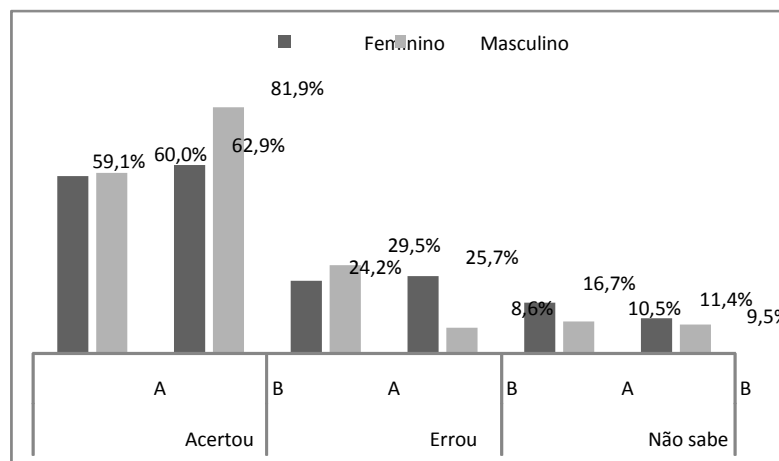


Gráfico 2: Padrão de Resposta – Análise por Gênero

Partindo para a auto avaliação dos alunos sobre o seu conhecimento em finanças, e cruzando essa informação com a questão. Os de conhecimento satisfatório conseguiram 82,2% de acerto, 11,1% de erro e 6,7% marcaram não saber a resposta. E os de conhecimento insatisfatório apresentaram 64,6% de acerto, 20,7% de erro e 14,6% não sabiam a resposta.

Os de conhecimento satisfatório em finanças foram superiores não apenas na taxa de acerto, mas também na segurança de marcar alguma alternativa e não ficar com a opção “não sei”, chegando a ter no questionário “B” seis alunos (6,7%) escolhendo esta opção. O questionário “B” apresentou significância estatística, enquanto o *p-value* do “A” foi insignificante. Indicando que fez diferença no questionário “B” ter um conhecimento satisfatório ou insatisfatório em finanças e que a qualidade da resposta depende dessa avaliação.

O fato curioso na questão foi a grande diferença entre as taxas de acertos quando considerado o tipo de questionário. A facilidade de acertar o questionário “B” talvez não esteja nas disposições das palavras aumentado ou reduzido, e sim na facilidade de negar (marcando a opção “Falso”) a primeira parte da pergunta (Se você tem que vender uma de suas ações). Exibindo um viés comportamental de não querer abrir mão dos bens pessoais ou de supervalorizar o que temos. Ou como Ariely (2008, p. 109) comenta em seu livro: “Outra peculiaridade é que começamos a nos sentir donos mesmo antes de possuir algo”.

A questão:[Se você é/ Mesmo que você seja] um bom investidor, é [fácil/difícil] escolher ações de uma única empresa que terá retorno melhor do que a média do mercado.

A taxa de acerto entre os diferentes questionários foi bastante elevada, sendo 49,7% de “A” e 71,4% de “B”. Talvez a suavidade na elaboração das questões não tenha sido alcançada, ou a primeira parte das perguntas tenha confundido um pouco os alunos. “A” começava da seguinte forma: “Se você é um bom investidor...”; e “B”, “Mesmo que você seja um bom investidor...”. Talvez a forma imperativa que “A” foi construída dê uma maior segurança e excesso de confiança.

O único fator demográfico que obteve resultado significativo foi o conhecimento em finanças, e apenas o questionário “A” obteve *p-value* significativo. E com base no gráfico 3 fica evidente o excesso de confiança dos alunos no questionário “A”, por arriscaram mais e por errarem mais.

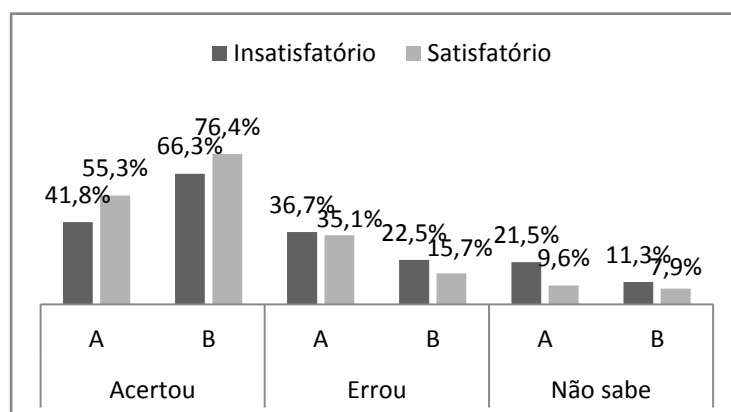


Gráfico 3: Padrão de Resposta – Análise por conhecimento financeiro

A próxima questão analisa a relação risco e retorno. Comparando a compra de um bilhete de loteria com a compra de ações, comumente ambas as situações são ditas como um jogo de azar e que qualquer um pode ficar rico rapidamente. O que é uma ilusão e a grande maioria dos alunos pensa de forma correta, assinalando que financeiramente é mais vantajoso adquirir ações do que comprar um bilhete de loteria.

Devido a grande taxa de acerto, 85,9% no questionário “A” e 88,6% no “B”, os dados demográficos não apresentaram significância estatística.

O resultado dos alunos quanto à relação retorno e risco nas operações financeiras foi satisfatório. Visto que nas quatro perguntas que compõe esse subtópico, duas delas obtiveram um resultado com praticamente 90% de acerto, e nas outras duas a porcentagem de acerto não foi menor que 50%.

4.3 Conhecimento e experiências no mercado financeiro

4.3.1 Conhecimento do mercado financeiro

Neste tópico foi verificado o nível de entendimento dos alunos quanto ao mercado de capitais, principalmente quanto ao seu funcionamento.

Questão: *Eu entendo razoavelmente bem o mercado de ações.* Esta questão foi apresentada da mesma forma em ambos os questionários e as únicas variáveis demográficas com *p-value* significativa foram o gênero e o conhecimento em finanças.

A insegurança das mulheres, quando o assunto é mercado acionário, é observável uma vez que 50,7% afirmaram não serem boas nesse quesito e 13,2% não opinaram sobre o assunto. Enquanto 52,4% dos homens asseguraram entender bem o mercado acionário, 39,5% não entendiam e 8,1% não sabiam o que marcar.

Continuando com a análise da questão e levando em consideração o nível de conhecimento financeiro é observada uma ratificação da auto-avaliação financeira. Pois os alunos com conhecimento satisfatória em finanças 60,5% afirmaram ter um entendimento razoável do mercado de ações, 29,2% marcaram falso e 10,3% não sabiam. Já os alunos de conhecimento insatisfatório 29,2% marcaram verdadeiro, 60,9% falso e 9,9% não sabiam. Resultado que condiz com a avaliação feita por cada aluno no início do questionário.

Próxima pergunta: *Se a Selic cai, o preço dos títulos públicos [irá subir/ também cai]*. Essa questão analisa se as pessoas realmente possuem um bom entendimento do mercado financeiro. No questionário “A” estava a expressão “irá subir” e no “B”, “também cai”.

Para responder essa questão era necessário conhecer um pouco melhor o funcionamento do mercado financeiro, nesse caso os títulos públicos variável pela SELIC são as Letras Financeiras do Tesouro (LFT).O site do Tesouro Nacional apresenta a forma de cálculo da rentabilidade dos títulos públicos, demonstrando o decréscimo do valor do título com uma redução da taxa.

Devido à falta desse pré-requisito, a taxa de alunos que não sabia a resposta foi de 54,7% no questionário “A” e de 32,6% no “B”. Contudo, para uma melhor qualidade na análise, as variáveis demográficas foram cruzadas com a questão e as significâncias estatísticas foram expressas na tabela 2 conforme o tipo de questionário.

Tabela 2: Testes Estatísticos – Análise Geral

Questionário	A	B
Curso	Significante	Insignificante
Semestre	Significante	Significante
Idade	Insignificante	Significante
Gênero	Insignificante	Significante
Trabalha?	Insignificante	Significante
Área que trabalha	Insignificante	Significante
Tipo de Investidor	Insignificante	Insignificante
Conhecimento em Finanças	Significante	Significante

Apenas uma variável demográfica obteve insignificância em ambos os questionários, e isso se deve a baixa quantidade de alunos com perfil arrojado ao assinalar o seu perfil de investidor

Dando início com o semestre identificou-se que em ambos os questionários o fato de o aluno ser formando ou calouro influenciou no padrão de respostas. É notável diferença entre a qualidade da resposta dos alunos, uma vez que a taxa dos calouros que não sabiam a resposta é de 51,5% no questionário “A” e de 65,6% em “B”, enquanto os formandos ficam com 20,5% e 26,6% respectivamente. No último semestre da faculdade os alunos se sentem mais à vontade a opinar, mas também acabaram errando mais que os calouros. O excesso de confiança dos formandos e a certeza dos calouros em não saber a resposta contribuíram para a significância no teste estatístico.

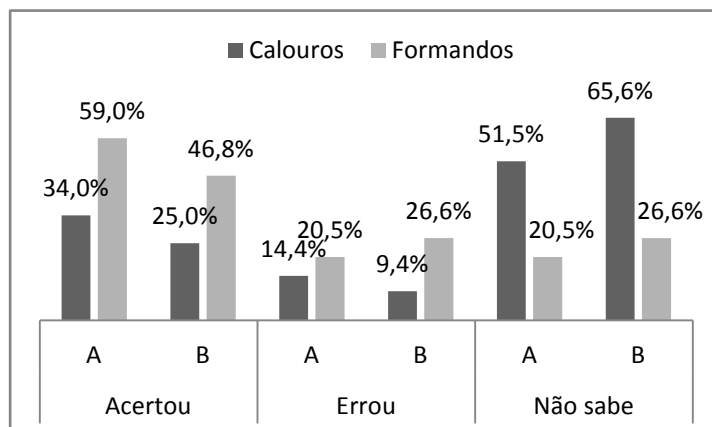


Gráfico 4: Padrão de Resposta da Questão 7 – Análise por Semestre

Outro item é o conhecimento assinalado pelo aluno. Nele nota-se o despojamento do aluno “bom” em tentar acertar a questão, mesmo que 25% errem, mas entre 49% e 40,9% acertaram essa questão. Os “ruins” marcaram em grande quantidade (51,2% em “A” e 58% em “B”) não saber a resposta certa. Por isso obtiveram uma porcentagem de erro menor que os “bons”.

O conhecimento no mercado de capitais foi testado com poucas perguntas, mas com a questão sete e seu baixo nível de acerto, talvez tenha sido o suficiente para identificar uma área deficitária no ensino universitário. Por outro lado, a universidade tem cumprido com o seu papel ao moldar pessoas formadoras de opinião, pois a redução na porcentagem “não sei” demonstra a maior liberdade e segurança ao assinalar uma questão. Todavia essa evolução não foi completamente acompanhada com a aquisição de um nível maior de conhecimento, já que a taxa de erro foi muito superior aos calouros.

4.3.2 Experiência no mercado acionário

Questão: *Na impossibilidade de pagar o cartão de crédito, [seria/não seria] uma boa idéia pagar com o dinheiro da poupança.* O aluno deveria escolher em pagar a dívida do cartão com a poupança, assim deixaria de ganhar 0,6% ao mês, ao invés de pagar 10% ao mês. De forma análoga, Macedo (2011) comenta a possibilidade das pessoas em manterem investimentos pela busca de um sonho, como a compra da casa própria, e que é possível manter um investimento “rendendo 9% ao ano e estar pagando 40% ao ano para pegar emprestado um recurso para tapar um furo no orçamento doméstico.” (MACEDO, 2011, p. 288).

A taxa das pessoas não aptas a responder, cerca de 13% em ambos questionários, o índice de acerto, sendo 49,2% no “A” e 56,3% no “B”, e por 33% dos alunos preferirem pagar os juros do cartão de crédito, pode ter ocorrido pela dificuldade dos alunos em devolver esse dinheiro à poupança ou pelo forte vínculo afetivo pelo recurso poupado.

Nessa questão o único dado demográfico que apresentou significância estatística foi a idade no questionário “A”. Que obteve uma taxa de acerto de 44,8% entre os menores de 22 anos, 40,3% de erro e 14,9% não sabiam. Do outro grupo, maiores de 23 anos, a taxa de acerto foi de 67,5%, 27,5% de erro e 5% não sabiam responder. Estatisticamente o grupo dos mais velhos já entende o peso da dívida do cartão de crédito e evitar pagar esses juros abusivos é viável, mesmo tendo que retirar dinheiro de seus investimentos.

4.4 Conhecimento das taxas de juros e habilidade com matemática básica

4.4.1 Conhecimento das taxas de juros pagas no mercado.

Questão: *É [difícil/fácil] encontrar fundos de investimento que tenham retornos anuais menores que um por cento.* Essa pergunta queria saber se o aluno tinha alguma noção sobre os possíveis retornos encontrados no mercado financeiro, ou melhor, saber, ao menos, o retorno das cadernetas de poupança, que é o menor encontrado no mercado.

O questionário “A” tinha a palavra “difícil” e o questionário “B”, “fácil”; a resposta

correta do questionário “A” é verdadeiro, enquanto o questionário “B” é falso, pois o rendimento anual da poupança segundo o site portalbrasil.net apresenta rendimento anual em 2010 de 6,8%.

Ressalta-se que 41% do questionário “A” e 36,6% do questionário “B” marcaram incorretamente a questão, 33,7% e 32,6%, dos respectivos questionários, responderam “Não sei”, e apenas 25,3% e 30,9% assinalaram a resposta certa. Números que evidenciam a falta de conhecimento das taxas pagas no mercado. Essa questão evidência a inexperiência dos alunos no mercado.

É necessário saber quais fatores influenciaram no padrão de respostas para uma melhor qualidade em apontar quais grupos sofrem de maior déficit de conhecimento em finanças. Nesta questão não houve fator demográfico com significância nos dois tipos de questionários, porém, o gênero dos respondentes foi significativo para as respostas do questionário “A” e não para o “B”; já o semestre obteve significância estatística em “B” e não em “A”.

Esta questão e o gráfico 5, expõem como a mudança de uma palavra altera todo o resultado. Nesse caso a palavra “difícil” contida no questionário “A” fez com que quase metade das mulheres não se sentisse segura ao responder essa questão, com uma taxa de acerto de 9% em “A” e de 25% em “B”. Enquanto o padrão de acerto dos homens foi constante, sendo de 33% em “A” e 34% em “B”, e taxa dos que não sabiam responder variou entre 28,3% em “A” e 29,1% em “B”. A partir da análise desses dados é possível inferir a fragilidade de todos os alunos quanto ao conhecimento do mercado das taxas pagas no mercado. E sendo ainda mais deficitário o conhecimento e o interesse das alunas universitárias.

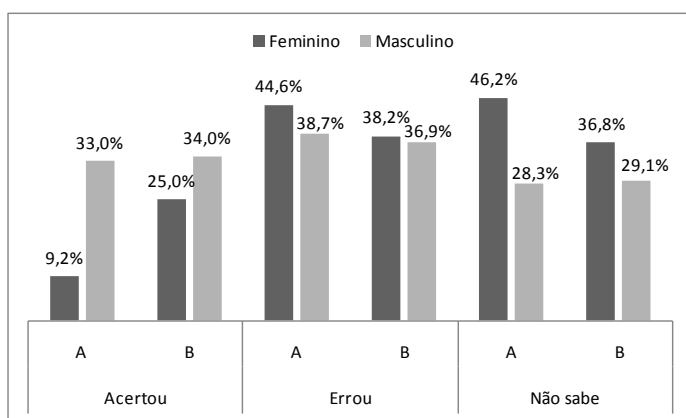


Gráfico 5: Padrão de Resposta – Análise por Gênero

De forma análoga ao gênero dos alunos, o semestre também teve significância estatística. Com o auxílio do gráfico 6 é possível verificar que a quantidade percentual dos alunos que não sabia a resposta não variou muito entre os questionários nem entre o semestre dos alunos. Tendo a mesma proporção encontrada, em torno de 33%.

A proporção dos que erraram o questionário “A” apresenta uma diferença sutil entre os calouros e os formandos. A taxa de acerto dos formandos no questionário “B” apresenta a uma diferença entre os calouros, demonstrando a evolução dos alunos dentro da universidade. Nesse caso, a palavra “difícil” confundiu os formandos ao responderem corretamente o questionário “A”. Enquanto os calouros erravam de forma idêntica independentemente do questionário.

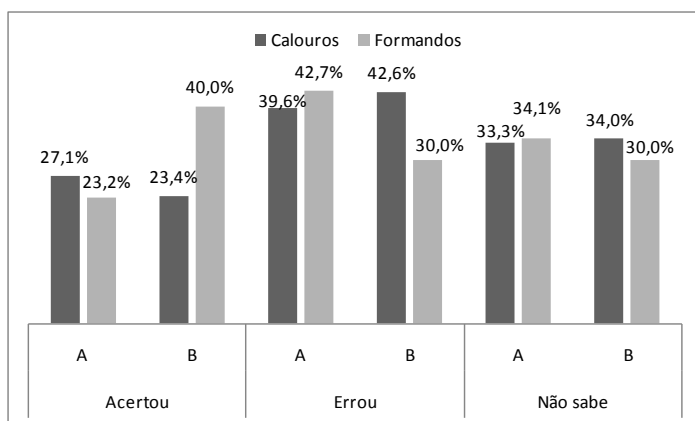


Gráfico 6: Padrão de Resposta – Análise por Semestre

Resumidamente, a noção das taxas de juros pagas no mercado é pouco conhecida pelos alunos da UnB. Visto que praticamente um terço dos alunos não se sentia apto a responder e a quantidade de acerto não chegou a 50% dos alunos.

4.4.2 Habilidade com matemática básica

Questão: Se você começa com 1.000 reais e tem um rendimento médio de 10% ao ano ao longo de 30 anos, após a capitalização, o capital inicial de 1.000 reais terá crescido [mais/menos] do que R\$4.000. Depois desses 30 anos, o valor seria exatamente de R\$17.449, muito superior ao valor proposto. A alta taxa dos que não sabiam foi de 23,7% no questionário “A” e 20,6% no “B”. O nível de erro foi de 25% em ambos os questionários e um pouco mais de 50% acertaram a questão.

Nessa questão o semestre e o gênero obtiveram significância estatística. Sendo o semestre significativo apenas no questionário “A” e o gênero apenas no questionário “B”.

Frankel (2006) discorre sobre a submissão das mulheres sobre alguns temas, e um deles é o conhecimento em matemática. A autora discorre sobre esse mito que acaba se repetindo para a grande maioria das mulheres que se sentem muito ansiosas com essa disciplina, apesar de terem o mesmo potencial que os homens.

Assim, no questionário “A” a proximidade de acertos (47,7% Feminino e 51,4% Masculino) garante essa igualdade entre os sexos. Mas no questionário “B” a diferença se faz por quase 20%. Outra grande divergência pode ser notada pela distinção entre os que não sabiam responder, visto que o grupo masculino caiu de 27,6% em “A” para 16,3% em “B”, ao passo que as mulheres tiveram o caminho inverso 20% em “A” e 26,5% em “B”.

Os formandos apresentaram um desempenho melhor que os calouros, visto que a taxa de acerto no questionário “A” foi de 56,8% dos formandos e 45,8% dos calouros; taxa de erro de 17,3% dos formandos e 32,3% dos calouros; e não sabiam 25,9% dos formandos e 21,9% dos calouros.

5 CONCLUSÃO

O resultado dos alunos foi satisfatório, pois grande parte da teoria financeira era de entendimento dos alunos e as taxas de acerto foram superiores a 50%. Mas quando esse conhecimento era posto em teste por questões subjetivas e com um

nível de complexibilidade maior, o resultado foi ruim.

Os formandos obtiveram resultados melhores que os calouros em grande parte das questões, apresentando maiores taxas de acerto e baixo índice de abstenção, demonstrando que a universidade está cumprindo com o seu papel de agregar conhecimento aos alunos e torná-los formadores de opinião. Essa diferença é observada, principalmente, nas questões de maior complexibilidade, onde os formandos erravam mais e acertavam mais que os calouros, apresentando o viés do excesso de confiança. Mas como a pesquisa aborda apenas alunos de finanças (economia, contabilidade e administração), o resultado esperado era de uma evolução maior. Pois 8 questionários (33%), dependente de ser “A” ou “B”, apresentaram significância estatística para esse dado demográfico. Ou seja, 67% dos questionários não possuem influência do semestre que o aluno se encontra, e a qualidade das repostas independe desse dado demográfico.

O gênero dos alunos obteve significância em 29% dos questionários, demonstrando que a qualidade das respostas é influenciada por esse dado demográfico. Fato explicado por Frankel (2006), quando é feita uma conclusão sobre o comportamento feminino, que deriva por ser menos assertiva, direta e competitiva que seus congêneres masculinos e que o mundo real exerce uma pressão sutil para elas se encaixarem nas normas culturais de comportamento feminino, mesmo aquelas que viveram em famílias igualitárias, onde as mulheres podem ser e fazer tudo que um homem pode e faz. Mas os 71% dos questionários não influenciados pelo gênero, remete a uma maior igualdade no ambiente acadêmico. E novas pesquisas deveriam ser realizadas a fim de medir essa diferença entre gêneros, assim como o IBGE realiza ao medir a diferença entre renda média e tempo de estudo. Pois se a tendência observada pelo instituto poder ser equiparada ao conhecimento em finanças, as mulheres apresentarão uma sofisticação financeira mais apurada que os homens.

O dado demográfico, conhecimento em finanças, apresentou a maior quantidade de *p-value* significativo. Sendo 46% dos questionários dependentes da auto-avaliação dos alunos.

Os alunos com conhecimento satisfatório em finanças obtiveram uma maior taxa de acerto que os de conhecimento insatisfatório, mas também obtiveram uma taxa de erro maior. Ou seja, os de conhecimento insatisfatório em finanças preferiam marcar a opção “não sei” e obter um baixo nível de erro e de acerto. Expressando a autoconfiança excessiva dos de conhecimento satisfatório, que preferiram arriscar mais e acabaram errando mais.

Logo, entender de finanças pessoais vai além de saber as regras do mercado, identificar os melhores investimentos ou conhecer as taxas aplicadas no mercado. Também é necessário o entendimento comportamental, conhecer os vieses e evitar os erros previsíveis e irracionais.

Assim Baker e Nofsinger apud Saito (2007) recomendam cinco passos para evitar a influência dos vieses e ter bons resultados nos investimentos, e eles são: Identificar e compreender os vieses; identificar os objetivos financeiros, em termos de retorno requerido e tolerância ao risco; desenvolver critérios objetivos, de forma a evitar que os fatores psicológicos norteiem as decisões, diversificar investimentos; rever estratégias e readequar a carteira de investimentos.

REFERÊNCIAS

ALDRIGHI, Dantes; MILANEZ, Daniel. **Finanças comportamentais e a hipótese dos mercados eficientes**. R. Econ. contemp., Rio de Janeiro, 9(1): 41-72, jan./abr. 2005.

ARAUJO, Daniel; SILVA, César. Aversão à perda nas decisões de risco. 2007.

ARIELY, Dan. **Previsivelmente irracional**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

BARROS, Lucas; SILVEIRA, Alexandre; SILVEIRA, Héber, Excesso de confiança, otimismo gerencial e os determinantes da estrutura de capital. 2006.

DANCEY, Christine; REIDY, John. **Estatística sem matemática para psicologia: usando spss para windows**. 3 ed., Porto Alegre: Artmed, 2006.

ELDER, Alexander. **Aprenda a operar no mercado de ações**. 6 ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

FERNANDES, Bruno; SILVA, Josué; SILVA, César. **Efeito da informação na simulação de um leilão de preço reserva**. Revista Acadêmica da Ciência Administrativa-RECADM; Paraná, volume 8, nº 2, 186-204, novembro 2009.

FOX, Justin. **The myth of the rational market: a history of risk, reward and delusion on wall street**. United States: HarperCollins, 2009.

FRANKEL, Lois. **Mulheres boazinhas não enriquecem**. 12 ed., São Paulo: Gente, 2006.

HALFELD, Mauro. **Investimentos: como administrar melhor o seu dinheiro**. 2 ed., São Paulo: Fundamento, 2006.

KAHNEMAN, Daniel; TVERSKY, Amos. **Prospect theory: an analysis of decision under risk**. Econometrica. [S.1], v. 47, n. 2, p. 263-291, 1979.

LEITE, Lorena. **Análise da perspectiva dos corretores de imóveis de Brasília sobre o mercado imobiliário**. Brasília: UnB, 2010. 73p. Trabalho de conclusão de curso (graduação), Faculdade de economia, administração e contabilidade, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia; CURTO Vilsa. **Financial Literacy and Financial Sophistication in the Older Population: Evidence from the 2008 HRS**. Michigan Retirement Research Center, 2009, University of Michigan.

MACEDO, Jurandir; KOLINSKY, Régine; MORAIS, José. **Finanças Comportamentais: Como o desejo, o poder, o dinheiro e as pessoas influenciam nossas decisões**. São Paulo: Atlas, 2011.

O'BOYLE, Edward. **The origins of homo economicus**. Mayo Research Institute, 2008, Louisiana, USA.

ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO E DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

- OCDE.-**Recommendation on principles and good practices for financial education and awareness**. Jul. 2005. Disponível em: <<http://www.oecd.org/dataoecd/7/17/35108560.pdf>> Acessado em: maio de 2012.

-**The Importance of Financial Education**. Jul. 2005. Disponível em: <<http://www.oecd.org/dataoecd/8/32/37087833.pdf>>Acessado em: maio de 2012.

ROJO, Claudio; SOUSA, Almir; HOSS, Osni. Análise de Investimentos em Ações: Considerações Sobre o Mercado Eficiente, a Análise Fundamentalista das Finanças Comportamentais. Revista CAP - Número 05 - Ano 5 - Volume 5 – 2011

SAITO, André Taue. **Uma contribuição ao desenvolvimento da educação em finanças pessoais no Brasil**. 2007. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, USP, São Paulo, 2007.

SCHAUM; SPIEGEL, Murray. **Estatística**.3 ed., São Paulo: Pearson Makron Books, 2006.

TORRALVO, Caio. **Finanças Comportamentais: uma aplicação da teoria do prospecto em alunos brasileiro de pós-graduação**. São Paulo: USP, 2010. Dissertação de mestrado, SBD/FEA/USP.

IMPACTO E DIVULGAÇÃO DA REDUÇÃO AO VALOR RECUPERÁVEL DE ATIVOS EM INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS

Autores	Filiação	Email
Anelise Cunha Camilo	UnB	anelisecamilo@gmail.com
Ednei Moraes Pereira	UFG	moraisednei@gmail.com
Fátima Souza Freire	UnB	ffreire@unb.br

Direitos de cópia - creative commons.

Recebido em: 29/03/2012

Aprovado em: 03/05/2012

Disponibilização no site 06/12/2012

Páginas: 28 - 47

ID do artigo 1416

Editor Científico: Prof. Dr. Osni Hoss, Ph.D.

RESUMO

A convergência contábil traz uma série de mudanças nos procedimentos estabelecidos pela Lei 6.404, de 1976, que vigorou por muitos anos na contabilidade brasileira. Iniciada em 2007, por intermédio da Lei 11.638, trata-se de um processo recente com modificações significativas, entre elas, a redução ao valor recuperável de ativos (*impairment*), procedimento considerado relevante, uma vez que avalia os ativos de uma forma completa, considerando fatores internos e externos às entidades e os mantém com valores possíveis de recuperação. Ainda não se sabe os impactos que o *impairment* poderá gerar para os *stakeholders*, os bancos que possuem ativos numerosos podem sofrer perdas significativas, que resultem na redução dos ativos e dos lucros, interferindo nas decisões dos usuários das informações contábeis. Dessa forma, o objetivo do estudo foi analisar qual o impacto da norma referente ao valor recuperável de ativos, tanto em termos contábeis, quanto na divulgação das Instituições Financeiras. Tendo como material de análise as Demonstrações Financeiras anuais do período de 2008 a 2010 de quinze bancos, avaliou-se os dados de duas maneiras: mediante aplicação de um *check list* das exigências de divulgação do *impairment* e por meio do cálculo do percentual ponderado referente ao impacto contábil da perda por imparidade, relacionando-se cada grupo de ativo com sua respectiva perda referente ao valor recuperável. Conclui-se que há ausência na divulgação das informações referentes ao *impairment*, havendo, portanto, necessidade de melhorias neste aspecto para atender tanto as exigências normativas quanto as dos usuários. Verificou-se também que a maior parte das perdas referentes ao valor recuperável de ativos reconhecidas pelas entidades analisadas, quando comparadas aos ativos, são imateriais, concluindo-se, assim, que antes da obrigatoriedade do *impairment* os ativos já estavam contabilizados pelo efetivo valor recuperável, bem como que não houve fatores internos, nem externos significativos geradores de elevadas perdas em grande parte da amostra avaliada, no período de 2008 a 2010.

Palavras-chaves: *Impairment*. Instituições Financeiras. CPC 01. Convergência.